

«Disse no meu coração»: a singularidade da reflexão dos sábios de Israel

LUÍSA MARIA ALMENDRA

CITER – Faculdade de Teologia, UCP

*«Não digas nada inconsideradamente,
nem o teu coração se apresse a proferir palavras diante de Deus,
pois Deus está no céu e tu na terra;
sejam, portanto, poucas as tuas palavras.» (Qo 5,1)*

As palavras proferidas por Qohelet, acima citadas, integram o vasto conjunto de instruções e advertências adequadas e benéficas ao relacionamento de todo o ser humano. Porém, a sua linearidade não oculta a sua profundidade. Ao associar o falar humano a uma ação que emerge do coração e se realiza *diante de Deus*, o sábio alarga o horizonte de simples recomendação, suscitando uma reflexão sobre o propósito e alcance da sabedoria que se oculta nas suas palavras. A par de uma suposta inteligência humana que habilita o ser humano a expressar-se, o coração emerge como um lugar singular e determinante onde se elabora o discurso humano e religioso: *palavras diante de Deus*, que nunca devem esquecer a sua diferença. Justifica-se, por isso, uma abordagem do significado bíblico do termo coração, focalizada no campo específico da literatura sapiencial bíblica, com uma ênfase particular no livro de Qohelet. A escolha deste livro não é arbitrária. Ela fundamenta-se num estudo de semântica literária, que faz recair sobre ele a suspeita de algo singular, na evocação e relevância atribuída ao termo «coração».

Nos passos da tradição

Obviamente, o sábio do livro de Qohelet assume, como todos os autores do AT, uma compreensão do termo «coração» que integra a intensa imagética, sob a qual se expressa a linguagem dos afetos e emoções próprias de todo o ser humano: *a alegria* (Ct 3,11; Qo 5,19); *o desejo* (Sl 37,4); *a tristeza* (Pr 15,13); *a dor* (Is 65,14); *a integridade* (Gn 20,5); *a inteligência* (Ex 36,1.2.8); *a arrogância* (Pr 16,5) e *a dureza* (Lm 3,65). Compreende-se, por isso, que sendo um dos termos mais frequentes na narrativa bíblica, o termo coração (*lēb*) só muito raramente aluda a um mero órgão físico constitutivo do corpo humano (cf. 2Sm 18,14; 2Rs 9,24; Sl 37,15; 45,6)¹. No uso bíblico deste termo, prevalece uma associação com todas as dimensões da existência humana, capaz de tornar o coração no grande suporte da consciência pessoal, onde se estabelece a combinação indizível entre a determinação da vontade e a atividade da razão².

É neste contexto que os autores bíblicos destacam o termo coração (*lēb*), estabelecendo uma singularidade que só é possível entrever no horizonte dialógico da relação entre Deus e Israel. Um exemplo significativo é o papel que este termo desempenha na circunstância significativa do Êxodo; um momento decisivo de intervenção de Deus em favor de Israel (cf. Ex 4-14). O autor bíblico torna o coração do Faraó o elemento determinante no desenvolvimento do drama, descrevendo-o com uma série de *leitmotifs* («*tornou-se pesado*», «*endurecido*»), sob os quais sublinha o grau da disposição interior de uma resolução contra a vontade de Deus.

Mas para os autores bíblicos, o coração não é só o lugar de experiências emocionais e intelectuais de grande relevância para a história da salvação. Ele é também o lugar de consciência moral. Relembre-se, a este propósito,

¹ Cf. H. W. WOLFF, *Anthropology of the Old Testament*, London 1974, 40. Na perspectiva deste autor devemos considerar *lēb* como: «The most important word in the vocabulary of the Old Testament anthropology.»

² Cf. H.-J. FABRY, לֵב, לֵבָב, *Theological Dictionary of the Old Testament*, VII, 411-412; E. S. CHRISTIANSON, *A Time to Tell. Narrative Strategies in Ecclesiastes*, JSOT Sup. 280, Sheffield 1998, 183; I. COHEN, «The Heart in Biblical Psychology», in *Essays Presented to Chief Rabbi Israel Brodie* (Eds. H. J. ZIMMELS – J. RABBINOWITZ – I. FINESTEIN), I, 47. Note-se, no entanto, que o AT procura sempre uma perspectiva antropológica do ser humano, na sua relação com Deus. É neste sentido que as narrativas bíblicas da criação descrevem o ser humano como feito de *b'selem* 'lôim (Gn 1,27) e 'āpār e nišmat (Gn 2,7). O foco está na relação com Deus criador mais do que na estrutura física do ser humano.

a expressão utilizada pelo autor bíblico, no momento em que David toma consciência que agiu mal e contra o Senhor por ter recenseado o povo: «*Depois disto, David foi atingido no seu coração, por ter contado o povo*» (2Sm 24,10)³. Para a grande maioria, o coração é sobretudo o lugar da verdadeira relação com Deus. Algo que deixam bem assinalado na profecia de Ezequiel, onde a menção ao coração aparece como o lugar, por excelência, onde se restabelece a relação entre Deus e Israel (Ez 11,19-20; 36.26). Perante o desastre do Exílio, o profeta Ezequiel não hesita em assegurar a Israel um tempo novo que se traduz num dom novo de Deus. Este dom, que até ao momento se concentrava no dom da aliança e no dom da terra agora emerge como o dom de um coração novo: ... *Dar-lhes-ei um coração novo e infundirei no seu íntimo um espírito novo. Arrancarei do seu corpo o coração de pedra e dar-lhes-ei um coração de carne para que caminhem segundo os meus preceitos e observem as minhas leis e as cumpram. Eles serão o meu povo e Eu serei o seu Deus.* A diferença entre a pedra e a carne é símbolo da diferença entre a infidelidade e a fidelidade; entre o egoísmo e a capacidade de escuta. A relação com o coração revela a nova interioridade e verdade com que Israel se relacionará com o seu Deus e se manterá fiel à Lei e à Aliança que Deus estabeleceu com ele. Não estamos muito longe do pedido central do Sl 51,10 («*Cria em mim ó Deus um coração puro*»), frequentemente reduzido a um pedido individual. A releitura e compreensão deste pedido, no conjunto das afirmações e pedidos de todo o salmo, permite entender que o objetivo é pessoal, mas também coletivo. Trata-se de um restabelecimento da relação do crente com Deus, mas também a de todo o Israel (51,20); de uma conversão interior individual e coletiva que implica um retorno a Sião, onde todo o povo possa celebrar e adorar em espírito (51,12b.13b.14b) e verdade (51,8a). A rejeição de Deus atravessara todo o Israel, até ao osso e ao coração, isto é, nas suas instituições políticas e religiosas. Por isso, o único pedido a fazer só pode ser o da recriação do coração e nele a reconstrução do corpo social e religioso (51,20-21).

³ Cf. I. COHEN, «The Heart in Biblical Psychology», 185. Segundo este autor *leb*: «...is often the center of consciousness, of thinking about something as a subject, revealing the states and condition of the self as experienced in various circumstances'. That is, it serves as an indicator through which all the experience of the self is expressed. Thought it, in it and by it a person can experience an express will, fear, courage, pangs of conscience and the consciousness of intellectual enquiry. The heart thereby serves as a focal opine for thought, will and strength.»

Plenamente incorporados nesta dinâmica, os sábios de Israel souberam compreender e expressar a convicção de que o coração é tudo isto, mas é também, e essencialmente, o lugar, por excelência, onde se acolhe e realiza a sabedoria e a inteligência (cf. Pr 22,17; 23,12; Jb 17,4; Qo 1,13.16.17)⁴.

Divulgando os contornos da tradição

Inteiramente portadores da fé e do pensamento bíblico, os sábios de Israel construíram expressões incisivas na sua perspicácia e asserção: *Um coração tranquilo é a vida do corpo* (Pr 14,30); *Um olhar sereno alegra o coração* (Pr 15,30); *Sim, Deus é poderoso e não despreza o puro de coração; Os de coração perverso ficam enfurecidos e não pedem auxílio quando Ele os aprisiona* (Jb 36,9). Este recurso abundante ao termo e à imagem do coração, desvela o eco de uma sabedoria bíblica bem antiga, que afiança conhecer a sua importância central: *Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele jorram as fontes da vida* (Pr 4,23). Uma relevância que se prolonga às dimensões do desejo (*Se o meu coração se deixou seduzir por uma mulher, ou me pus à espreita, à porta do meu próximo, o meu coração se deixou seduzir em segredo e lhes mandei um beijo com a mão*, Jb 31,7.9.27); do afeto e da emoção (*O coração conhece as suas próprias amarguras; Mesmo a sorrir, o coração pode estar triste*. Pr 14,10.13; *O coração alegre torna feliz o semblante; a tristeza do coração abate o espírito*. Pr 15,13; ... *mesmo durante a noite o seu coração não se aquieta*. Qo 2,23; ... *lança fora do teu coração a tristeza, poupa o sofrimento ao teu corpo* Qo 11,10).

Porém, seria ingênuo pensar que a experiência e a reflexão dos sábios de Israel se limite a uma utilização criativa da imagética do coração ou a uma ampliação desta num horizonte dialógico da relação entre Deus e Israel. A sua ousadia levou-os a dilatar a compreensão bíblica comum, estabelecendo diversas associações, que tornam o coração um centro noético onde se preservam e interiorizam as diferentes realidades que os sentidos captam (*Inclina o teu ouvido e ouve as palavras dos sábios, aplica o teu coração*

⁴ Cf. J. CRENSHAW, «Qoheleth's Understanding of Intellectual Enquiry», in *Qoheleth in the Context of Wisdom* (Ed. A. SCHOORS), BETL, 136; Leuven 1998, 218. Também, este autor considera que לֵב *lēb*: «... is only part of the whole learning enterprise».

ao meu conhecimento Pr 22,17; cf. Sir 16,24; *Mais vale ir a uma casa em luto do que a uma casa em festa, pois esse é o fim de todo o homem: que os vivos meditem nele no seu coração* Qo 7,2;) e um lugar onde se realiza o verdadeiro conhecimento e inteligência da vida (*Meu filho, escuta as minhas palavras... conserva-as no íntimo do teu coração, porque são vida para aqueles que os encontram...* Pr 4,20-22; cf. 7,3; 22,17; Jb 22,22; Sir 16,24). Não nos espanta, por isso, que seja, antes de mais, no seu coração que o sábio procure a sabedoria (*O coração do sábio procura o conhecimento...* Pr 15,14; *Apliquei todo o meu coração a explorar e a buscar sabedoria e inteligência...* Qo 7,25; cf. 8,16; Sir 6,32; 14,21; 50,28), o amor e a fidelidade (*não se afastem de ti o amor e a fidelidade! Prende-os como adorno ao teu peito, regista-os no livro do teu coração...* Pr 3,3); o autêntico discernimento que conduz à vida (*Apliquei, então, o meu coração ao esclarecimento de tudo isto, e vi que os justos, os sábios e as suas obras estão na mão de Deus* Qo 9,1)⁵.

Não obstante conhecerem e utilizarem as merismas indicadoras da totalidade do ser humano («a minha carne e o meu coração» Sl 73,26 / Pr 14,30), ou as expressões «os teus lábios... e o teu coração» (Pr 23,16-17), «o meu coração... e os meus olhos» (Jb 31,7), usadas para enunciar a coerência e a harmonia entre o interior e exterior da vida do justo, os sábios de Israel focalizam-se na importância vital do coração para a existência física e espiritual do ser humano (*Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele jorram as fontes da vida* Pr 4,23). Se o alimento e o vinho podem ser motivo de alegria para o coração (Sl 104,15), o lamento existe porque o ser humano é capaz de sentir a aflição no mais fundo do seu coração e adoecer simplesmente porque a esperança tarda em realizar-se (*A esperança retardada aflige o coração, mas o desejo satisfeito é uma árvore de Vida* Pr 13,12). O sábio experimenta, que um coração tranquilo enche de vida a todo o corpo (Pr 14,30), mas também pode abrigar ambas a alegria e a amargura, porque são muitas as razões de um coração sofredor (Pr 15,13; Qo 7,4; Sir 13,25). Os sábios escolhem de entre elas a inquietação e a fragilidade de tudo (*Todos os seus dias são apenas dor e todo o seu trabalho, apenas arrelia; mesmo durante a noite o seu coração não se aquieta. E também isto é ilusão* (Qo 2,23), simplesmente por poderem levar à profunda desilusão (*A preocupação deprime o coração do homem, mas uma boa palavra*

⁵ Cf. I. COHEN, «The Heart in Biblical Psychology», 43.

restitui-lhe a alegria Pr 12,25) e conduzir à morte (*Pois a tristeza faz apressar a morte e a melancolia do coração abate as forças* Sir 38,18).

Neste sentido, podemos afirmar que o modo como os sábios ampliam e sondam a tradição bíblica sobre o lugar humano e teológico do coração sugere uma continuidade, mas simultaneamente um aprofundamento que compele o crente a uma reflexão mais cuidada e inteligente da sua existência; a reflexão de um *coração sábio* que Salomão desejou mais do que todas as riquezas e poderes deste mundo (1Rs 3,9-12). Na verdade, o que Salomão pedira fora «*um coração de escuta* (lēb šōmē'a) *para governar o teu povo, para discernir entre o bem e o mal*» (1Rs 3,9). A resposta de Deus é surpreendente: «*Já que me pediste isso e não uma longa vida, nem riqueza, nem a morte dos teus inimigos, mas sim inteligência para escutar* (hābîn liš'mō'a) *para governar com retidão, vou proceder conforme as tuas palavras: dou-te um coração sábio* (lēb ḥākām) *e inteligente* (nābôn), *tão hábil que nunca existiu nem existirá jamais alguém como tu.*» Este texto imbuído de uma intencionalidade fortemente deuteromística que pretende legitimar o reinado de Salomão, integra e assume um vocabulário intensamente de cariz sapiencial, colocando-o numa relação estreita com a interioridade da relação com Deus e com o sentido da vida humana.

Abrindo o âmago da tradição

Não é possível, portanto, negar que os sábios de Israel tenham partilhado com toda a tradição de Israel uma profunda compreensão do lugar humano e teológico do coração. No entanto, é bem evidente que o modo como ampliaram e focalizaram a sua utilização deste termo revela algumas peculiaridades. Num esforço de compreendermos esta peculiaridade ocorre compreender a total ausência da expressão «falar ao coração» (*dibber 'al-lēb*) na totalidade da literatura sapiencial. Esta ausência contrasta com o uso intenso desta expressão ao longo do AT, numa conformidade veemente com alguns momentos de relação entre Deus e Israel (cf. Gn 50,21; Jz 19,3; Rt 2,13; 2Sm 19,8; 2Cr 3,25; 30,22; 32,6; Os 2,4-17; Is 40,1-2)⁶.

⁶ Este aspeto adquire uma relevância ainda maior quando nos apercebemos que a expressão «falar ao coração» é utilizada em momentos significativos da vida e história de Israel (cf. Gn 50,21; Jz 19,3; Rt 2,13; 2Sm 19,8; 2Cr 3,25; 30,22; 32,6; Os 2,14; Is 40,1-2).

Na verdade, quando o autor bíblico refere que a garantia do perdão total de José, em relação aos seus irmãos, se realiza no ato de «falar ao coração», a expressão assume contornos fraternos e teológicos de significativa relevância. Aquilo que os irmãos de José fizeram de mal, Deus foi capaz de transformar num bem. A culpa do mal desaparece, sem que José precise de pronunciar as palavras de perdão explicitamente. Bastam os gestos concretos, que invadem a interioridade da fé dos seus irmãos, que terão de acreditar em Deus e no seu irmão: «*tranquilizou-os e falou-lhes ao coração*» (*dabbēr 'al-libbām* Gn 50,15-21)⁷. Quando o profeta Oseias refere que depois do castigo da esposa, o esposo a seduzirá e levando-a até ao deserto, ali lhe «falará ao coração», a metáfora até então usada adquire uma profundidade teológica desmedida: «*É assim que a vou seduzir: Conduzi-la-ei ao deserto, para lhe falar ao coração*» (*dibbareti 'al libbāh* Os 2,1-23). A esposa, imagem do Israel que se corrompeu com outros deuses, é chamada a fazer um percurso com um duplo destino: perceber que a sua vida foi interrompida pelo castigo do esposo com o objetivo de a fazer voltar para si; e acreditar que simultaneamente existe um caminho de interioridade que a move da alienação ao arrependimento e ao regresso ao esposo. Nesta viagem, a sua passagem pelo deserto torna-se crucial: ele é o lugar, por excelência, da relação e da Aliança (cf. Jr 2,2; Ez 16,8-14); o lugar do reconhecimento de Yhwh como o seu verdadeiro esposo, mas também o lugar do perdão desmedido de Deus⁸. Neste contexto, a expressão «falar ao coração» é evocativa de um diálogo singular, onde não são as palavras o que mais importa, mas o abraço possível do reconhecimento e do perdão.

É, também, nesta linha que se situa o anúncio do profeta Isaías (40,1-2); um dos mais surpreendentes de todo o testemunho profético. A ênfase de todo o anúncio é colocada no tempo novo que se anuncia; um tempo onde Deus é conforto e relação: «*Falai ao coração* (*dabberû 'al-lēb*) *de Jerusalém e gritai-lhe: "Terminou a vossa servidão, estão perdoados os vossos crimes, pois já recebeu da mão do Senhor o dobro do castigo por todos os seus pecados."*» (Is 40,2). No anúncio profético, subentende-se a declaração de que Israel não só já pagou tudo o que Deus lhe tinha requerido, como o tempo da

⁷ Cf. T. E. FRETHEIM, *The Book of Genesis. Commentary, and Reflections*, in *The New Interpreter's Bible*, VII, Abingdon Press, Nashville, TN 1994, 671-72.

⁸ Cf. G. A. YEE, *The Book of Hosea. Introduction, Commentary, and Reflections*, in *The New Interpreter's Bible*, VII, Abingdon Press, Nashville, TN 1996, 225-27.

sua servidão passou. O julgamento realizado pelas invasões e deportações da Assíria e Babilónia constitui este «dobro» necessário. Agora, Jerusalém é chamada a viver a aurora de um novo dia, na possibilidade de um regresso à terra da promessa e de uma reconstrução do Templo... encerrada nas palavras e no grito que deve ressoar no coração de Jerusalém: acreditar que Deus está fazendo novas todas as coisas (cf. Is 65,17)⁹. O Deus de Israel é capaz de abraçar a sedução para restaurar o laço inquebrantável de aliança entre si e Israel, demonstrado o seu amor incondicional.

Aparentemente, a importância teológica da expressão «*falar ao coração*», nomeadamente a ênfase que ela coloca na dinâmica da relação entre Deus e Israel parece não ter conseguido um eco na reflexão dos sábios de Israel. Motivo que suscita interrogação. Principalmente, porque também os sábios estão convictos que não é possível uma reflexão da vida à luz da fé fora de um contexto de relação e de aliança. A suspeita recai na constatação de que embora integrem a fé e a compreensão que Israel desenvolveu ao longo dos tempos, nomeadamente em relação ao termo coração, os sábios demarcam-se por uma singularidade de linguagem que atravessa a sua reflexão sapiencial. Embora considerem o coração como o lugar da interioridade e da relação entre os seres humanos, e de um modo particular a relação do ser humano com Deus, eles distanciam-se de uma parte da linguagem convencional, desenvolvendo uma proferição que nos obriga a ir mais ao profundo.

A singularidade numa visível descontinuidade

Um dos exemplos mais significativos desta singularidade sapiencial reside na formulação singular de Qohelet: «*Disse no meu coração*» (1,16; 2,1.15; 3,17.18). Aparentemente, esta expressão de Qohelet parece situar-se numa mera relação com dinâmica de diatribe e de reflexão que percorre a totalidade do livro. De facto, o autor desenvolve um dinamismo continuamente focalizado na identidade e consciência que tem de si mesmo e da experiência que elabora da realidade¹⁰. No entanto, a referência

⁹ Cf. Ch. R. SEITZ, *The Book of Isaiah. Commentary, and Reflections*, in *The New Interpreter's Bible*, VII, Abingdon Press, Nashville, TN 2001, 334-335; 543-544.

¹⁰ Cf. E. S. CHRISTIANSON, *A Time to Tell. Narrative Strategies in Ecclesiastes*, 182-200, onde

explícita ao coração, neste livro, mais do que em qualquer outro, aponta para uma interiorização, que parece ir além da simples experiência emocional ou intelectual. Por isso, embora não possamos dispensar esta dimensão intelectual e emocional, a expressão «*disse no meu coração*» parece acentuar um processo interior de pensamento¹¹.

O termo coração (*lēb*) aparece logo no início do livro, num paralelo com a primeira apresentação que Qohelet faz de si mesmo:

1,12 Eu, Qohelet, fui rei de Israel, em Jerusalém, 13 apliquei o meu espírito a estudar e a explorar, pela sabedoria, todas as coisas que sucedem debaixo do céu. É uma tarefa ingrata que Deus deu aos homens e os oprime. 14 Vi tudo o que se faz debaixo do sol e achei que tudo é ilusão e correr atrás do vento. 15 O que é torto não se pode endireitar e o que é falho não se pode completar. 16 Disse no meu coração: «Eu reuni e acumulei em sabedoria mais do que todos os que, antes de mim, governaram Jerusalém, e o meu coração penetrou muito profundamente na sabedoria e no conhecimento.» (Qo 1,12-16.)

Depois de uma breve alusão à sua identidade, o autor descreve-nos quais são os lugares a partir de onde ele explora e observa a realidade («*tudo o que há debaixo do céu*»): o espírito, a sabedoria, o olhar e a compreensão (1,12-14). A referência ao coração, na sua expressão singular «*disse no meu coração*», emerge apenas num último momento, como se ele constituísse o lugar onde se elabora a síntese da observação e reflexão de Qohelet. O coração de Qohelet não é apenas um lugar privilegiado; o centro da sua inteligência, do qual fluem todas as suas formulações e questões. Ele é lugar onde se elabora a sua avaliação crítica da ordem do mundo.

Não nos surpreende, portanto, que seja no seu coração que Qohelet lamenta o mal moral do mundo juntamente com o comportamento dos malvados, dos governadores e juizes (3,14; 4,1-3; 5,8). O próprio modo como equaciona a vida e a morte reflete uma compreensão elaborada na profundidade do seu coração, mais do que na sua simples inteligência e racionalidade:

a expressão sugere um processo interior de pensamento; S. BAR-EFRAT, *Narrative Art in The Bible*, JSOTSup, 70; Sheffield 1989, 63-64.

¹¹ Cf. E. S. CHRISTIANSON, *A Time to Tell. Narrative Strategies in Ecclesiastes*, 185.

^{7,1} *Mais vale um bom nome do que um bom perfume,
mais vale o dia da morte que o dia do nascimento*

² *Mais vale ir a uma casa em luto
do que a uma casa em festa,
pois esse é o fim de todo o homem:
que os vivos meditem nele no seu coração.*

³ *Mais vale a tristeza do que o riso,
porque a tristeza do rosto é boa para o coração.*

⁴ *O coração dos sábios está na casa do luto;
o coração dos insensatos, na casa da alegria.*

Esta consciência não impede que Qohelet admita que o coração possa ser também um lugar de processamento interior do prazer de boas experiências (Qo 8,15); que cada ser humano possa divertir-se e que isso possa ser a melhor realidade de bem, possível viver debaixo do sol. Porém, é relevante que ele volte constantemente ao seu idiossincrásico eu; à sua maneira de ver, sentir e de reagir perante as diversas percepções da realidade. Pelo repetir contínuo «*no meu coração*» e pela centralidade que confere ao lugar da experiência e ao peso do absurdo, ele toma consciência que o seu «eu» não é um simples «cabide de madeira» no qual ele pendura as suas ideias e observações¹². O seu «eu» é o centro e o seu coração é o centro deste mesmo centro. A dimensão de interioridade que ele partilha com o universo semântico hebraico do termo *lēb* é delineado como um autopensamento, que é colocado no centro da ação humana. Este autopensamento produz imagens não só da sua experiência pessoal, mas também de um universo, na qual todo o agir tem lugar. Para Qohelet, o coração é um indicador através do qual toda a elaboração das experiências do «eu» podem ser expressas. Através dele, nele e por ele o sábio experimenta os desafios da vontade, do medo, da coragem, as dores da consciência e a própria consciência do questionamento intelectual. Em suma, Qohelet torna o coração um lugar central do pensamento, da vontade e da força interior.

Sempre que Qohelet menciona o coração numa relação com uma observação ou descoberta, a sua perspectiva é a de um esforço intelectual de compreensão que visa, em última, instância encontrar a sabedoria que

¹² Cf. E. S. CHRISTIANSON, *A Time to Tell. Narrative Strategies in Ecclesiastes*, 213.

envolve tudo o que existe debaixo do sol. Tornando o coração o lugar onde são depuradas as suas observações, Qohelet parece oferecer-lhe uma vida própria, permitindo-lhe realizar a observação e oferecer a conclusão sem qualquer interferência da sua racionalidade (*Disse no meu coração: «Eu reuni e acumulei em sabedoria mais do que todos os que, antes de mim, governaram Jerusalém, e o meu coração penetrou muito profundamente na sabedoria e no conhecimento»* Qo 1,16; ... *vi que os justos, os sábios e as suas obras estão na mão de Deus. Nem o amor nem o ódio o homem consegue discernir: no entanto, ambos estão diante dele* Qo 9,1). Ao invocar o seu coração como uma entidade separada, Qohelet pode convidar os seus ouvintes a explorar e a observar o seu interior, juntamente com ele¹³.

Em síntese, podemos afirmar que os sábios que elaboraram o texto de Qohelet assumem a compreensão tradicional de «coração», como um lugar de interioridade onde se elaboram as experiências emocionais e onde se realiza a reflexão e formula o conhecimento. Porém, ao personalizarem esta interioridade numa autorreferência, o centro deixa de ser o lugar (o coração) para se tornar o autopensamento que se elabora no interior do ser humano. Por isso, Qohelet pode «dizer» (1,16; 2,1.15; 3,17.18), «aplicar» (1,17; 7,25); «resolver» (2,3) no seu coração, não como um mero exercício de introspeção, mas como uma intensa atividade de autorreflexão, de quem procura entender a vida, cuja a verdade da realidade observada pode interrogar e ironizar, sem desfocar o horizonte da relação com Deus:

^{12,13} O resumo do discurso, de tudo o que se ouviu, é este: teme a Deus e guarda os seus preceitos, porque este é o dever de todo o humano. ¹⁴ Deus pedirá contas, no dia do juízo, de tudo o que está oculto, quer seja bom, quer seja mau.

¹³ É interessante notar aqui um contraste com o pensamento bíblico tradicional, que tende a considerar o coração como «the inaccessibly unexplorable... anything that is quite simple impenetrably hidden» [cf. H. W. WOLFF, *Anthropology of the Old Testament* (SCM Press, London 1974, 43)].